

Opérola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas *

Semestre 250 reis
Com estampilha 300 reis
Avulso 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Director e Proprietario

Francisco d'Oliveira Bello

Composição e impressão—Typ. A. F. Vasconcellos, suc.
Rua de Sá Noronha, 51—PORTO

Director gerente e redactor, M. Duarte Silva

Administrador, Manoel Alves Correia

«O original publicado ou não, não será devolvido».

IMPRESSÕES

(CONTINUADO DO N.º ANTERIOR)

O que é pena, e até para lamentar é que o nosso theatro, em nada se possa comparar com outros de terras de 2.ª e 3.ª classes.

Só quem, como eu, nunca tivesse entrado n'elle, poderia sonhar, que Ovar possuia realmente uma casa de espectaculos digna da terra, dos seus proprietarios e habitantes.

Alli não se vê nada que nos encante a vista, e no entanto, Ovar não é uma terra de cafres, que ignoram o que é progresso.

Quem fôr alli, na illuzão de entrar n'um theatro, pequeno sim, mas elegante e digno de quem o vê, logo á entrada, estaca, e consulta a sua consciencia sobre se deve ou não entrar, e resolvendo fazel'o, uma vez lá dentro, fica tão sómente a pensar na fórma de salvar a vida no caso d'um desastre, d'um

N.º 3 «FOLHETIM DA PEROLA»

R. LAMOTE

(TRAD. DE M. D. SILVA)

O PREMIO

(CONTINUAÇÃO)

De resto a entrada oeste das minas abandonadas estava proxima da sua concessão.

Elle conhecia as a fundo por as ter explorado muitas vezes.

D'ellas extrahiu se muito ouro que John escondia em certa parte não conhecida, e onde não podia accumular todo aquelle precioso metal.

Este contratempo embaraçava-o, e por mais que meditasse

incendio por exemplo—longe vá o agoiro—que seria uma verdadeira hecatombe!

Uma vez alli encerrado, dentro em cinco minutos, fica-se a transpirar, porque o systema de illuminação concorre, não só para viciar a athmosphera como aquecer aquelle pequeno recinto de madeira coberta com cal, sem um ventilador que beneficie o seu ambiente.

Que lindo aspecto não teria offerecido—na noute da festa—d'essa festa para mim encantadora.—esse acanhado e perigoso recincho que de theatro só tem a fórma, se realmente fosse uma casa de espectaculos como aquellas que tenho visto em terras bem mais pequenas e pobres do que a nossa.

Veja-se por exemplo o lindo theatro da Pampilhosa do Botão onde apenas se gastaram dois contos de reis!

Alguem me chamou a attenção para a enchente que tem o theatro quando se trata de festa de beneficencia, e a ausencia d'ella quando se dá qualquer outro espectaculo pelos amadores.

A razão é simples e palpavel. E' que as familias não estão

não sabia onde o metter, até que se lembrou que umas galerias subterraneas seriam um esconderijo admiravel no caso de necessidade.

Quem as não conhecesse como elle, não ousaria aventurar-se a entrar nellas.

—Em que te posso ser util, interrogou Gohn?

—Eu acabo de te dizer, disse Tomy, que quero deixar a Austria.

A minha concessão já não serve para nada, e se eu a mostrar cassam-n'a.

Em chegando o momento propicio—é um amigo de Sidney quem me avisará—eu vou pois metter-me na mina, e espero que tu me tragas viveres

—Conta commigo! E' tudo?

dispostas a sacrificarem duas horas de bem estar nas suas casas—por muito mal que estejam—por outras duas, n'um theatro onde vão ficar mal accommodadas, correrem o risco de estragar as suas toilettes, e sahirem de lá com a garganta envenenada, um gosto nauseabundo a petroleo, que lhes provoca vomitos e com as narinas fumadas como qualquer... presunto!

Não será isto verdade, embora seja duro?

Alli falta tudo; desde o mais relles cabide onde suspender um chapéu ou casaco, até ao recato de trez bacias de camara, que estavam n'um cacifro, se me não engano, ao lado direito do alto da escada, onde entrei por alguém, com muito espirito, e graciosamente, me ter dito ser alli a salla de fumo com os respectivos... escarradores!!

Emfim, alli falta tudo; até falta demolir aquella casa, por utilidade publica, e no seu terreno erguer um theatro comm'il-faut!

E' a vós briosos bombeiros voluntarios—que compete levar por ávante esse grande melhoramento local, porque n'elle te-

—Não; o que eu tenho a pedir-te é mais delicado.

—Tanto melhor!... Não lhe devo eu a vida velho Tomy? Não foi você quem substituiu meu pae e minha mãe que morreram?

—Não fallemos n'isso... eis o que eu espero de ti.

Conheces Eduard le Rouquin que habita além, ao norte das minas?

—Conheco.

—Sabes que elle tem uma filha?

—Sei; e chama-se Diana.

—Ah! tu sabes?!... Bem, ella é joven. Muito joven e muito bella. Morena assim como eu. Sua mãe devia ser de sangue hespanhol, como a minha.

—Vejo que tu és cuidadoso...

reis uma futura fonte de receita, para o engrandecimento da vossa associação, e facilidade para a pratica dos vossos actos humanitarios.

Sim, sois vós, porque as associações dos bombeiros voluntarios são universalmente conhecidas como essencialmente benemeritas, e formadas d'homens intelligentes altruistas e de larga iniciativa.

E aos habitantes de Ovar compete tambem auxiliá'os, para que elles possam cabalmente desempenhar o bem a que voluntariamente se propozeram.

Fitas cinematographicas

AS DUAS ORPHÃS

No primeiro quadro d'esta pelicula dramatica, veem-se na Praça de S. Pedro de Roma, duas meninas orphãs que pedem esmola. Quando regressavam a casa sem nada terem colhido da piedade dos transeuntes, a mais nova cae desfallecida junta á porta d'um estabelecimento de bordados.

A mais velha pede soccorro

Que é preciso fazer?

—Ir vêr o pae e dizer-lhe:

«O velho Tomy, para negocio pessoal, está decidido a deixar o paiz; mas elle não quer ir só. Pergunta-vos, se vós estaes disposto, como outro dia a acceitar duzentas libras em troca do casamento de vossa filha?»

—Será preciso repetir-lhe isso?

—E' preciso, e Eduard te responderá que acceita, porque não é rico, e até passa fome. O negocio pois, é bom para elle. Desembaraça-se da filha—uma bocca inutil—e prefere ter dinheiro a uma concessão, e carneiros sem os dever a ninguem.

Continúa.

ao proprietario, o qual, compadecendo-se da desventurada, a recolhe em sua casa, onde a auxilia.

O bom do negociante promette amparar as duas infelizes protegendo-as, ajudando-as.

As duas orphãs ficam, pois, junto do seu bom protector, na qualidade de aprendizas, e a sua juventude passa-se, aprendendo o officio.

Passados dez annos, as duas irmãs são já mulheres, e o protector enamora-se da mais velha, e offerece-lhe casamento. Dá-se, porém, o caso de que a mais nova está loucamente apaixonada pelo seu protector, e soffre horivelmente quando descobre as relações amorosas entre elle e sua irmã, mas, procura occultar a dôr que apesar de tudo vae augmentando, mas mais quando um dia, encontra no jardim. os dois namorados que se beijavam.

Convencida do cruel desgano, procura um pretexto e explica a sua consumição.

Depois d'isto, chega o dia da boda. N'um salãozinho, os dois noivos recebem os convidados, que lhe trazem regalos e flôres, symbolo de amor e gloria. Em vista de tal festa a irmã da noiva não pôde resistir por mais tempo, e envenena se, vendo-se-lhe ingerir um liquido e cair desfallecida, mas antes tinha escripto uma carta a sua irmã, expondo-lhe os motivos que a induziam a tal fim.

A noiva, notando a ausencia da irmã, vae até ao salãozinho e encontra-a já cadaver.

Lendo a carta que estava junto d'este, ficou tão succumbida, que resolveu suicidar-se, aspirando dos labios de sua infeliz irmã o veneno da morte.

Ao fechar o tragico quadro, entra o marido, que lê a mesma carta e se apercebe do succedido, chorando de joelhos junto dos dois corpos gelados. Levantando-se, cobre os de flôres, com aquellas flôres que lhes tinham sido offerecidas pelos convidados, e que, destinadas á felicidade e alegria, serviram de mortalhas para os cadaveres das duas infelizes orphãs.

VOLUVEL

Nada lhe tinha parecido mais encantador, n'esse momento, do que vêr a seus pés todo o orgulho d'aquellie phantasia, d'aquellie louco sonhador que se curvava sorrindo aos seus caprichos, como que sentindo-se feliz em offerter-lhe todos os seus pesares. Affirmara-lhe um amor que não sentia, de mistura com promessas que nunca seriam cumpridas.

Assim, breve chegou para Elle a disillusão e o desfazer das suas crenças, e para Ella terminou o passatempo que a tinha divertido.

Afastaram se. Elle enojado de si proprio por ter consagrado tão puro affecto a quem não soubera comprehende-lo; Ella com uma recordação cada vez maior, mais nitida, de que tinha havido alguém para quem fôra um deus.

* * *

Annos depois, quando casada já com um obeso capitalista que lhe dera em ouro o que não pudera dar lhe em amor, Ella silenciosamente, cheia de saudade e arrependimento, esperava escondida, que passasse o louco phantasia de outr'ora embebido nos seus sonhos, para o vêr, para o seguir com o olhar insistentemente, cheia de saudade e arrependimento ..

Augusto Corrêa Freitas.

O AMAR É UM PERIGO!...

(A' GENTIL ORCHIDEA)

O senhor é o homem das contradicções...

— Em assumptos de arte, querida marqueza, a contradicção não constitue delicto.

— Vamos vêr. A cada momento leio artigos seus onde celebra «a alegria de amar» por que o amor, segundo o seu credo, é arte, riso e immortalidade, e agora, de prompto, declara o senhor, que o amor é extenuação, desgarramento, veneno mortal ..

Pôde dizer-me senhor, com qual d'essas duas opiniões devo ficar?

— Eu marqueza, ficaria com as duas porque... não estoravam...

— Está convencido d'isso?

— Certissimo. Nada menos unilateravel que o amor. Dizer amor é dizer universo; o amor, que chama á vida, é tambem o mais forte alliado da morte. No principio e no fim de tudo quanto existe, o amor, é essencialmente paradoxo, pois n'elle cabem a aurora de tudo que nasce e a agonia de tudo que morre, para tornar a ser. Eu vejo um symbolo perfeito do amor no circulo traçado pela serpente, que se devora a si propria mordendo a cauda.

Tanta confusão provem de que os interesses da especie e os do individuo são rivaes: o que a este o arruina, beneficia a outra. A castidade é um egoismo; o amor uma philantropia.

O casto esquece se da humanidade...

— E o que ama?

— Esquece se de si mesmo.

— Portanto o amar é suicidar-se pela especie?

— Perfeitamente, e vejo que principia a comprehender, como, sem incorrer no escandaloso perigo da contradicção pôdem-se applicar a tão excelso sentimento as theorias mais distinctas?

— Ah! o senhor deixa-me assombrada!

— Aterrada, é o que deve dizer, marqueza; porque não ha sob o ceu perigo mais atrahente, e por isso mais temivel que o perigo de amar. Por amor, as más cabeças redimem-se e dão em virtude; por amor tambem, as vontades menos predispostas ao mal fogem de chegar ao crime...

— Estou estupefacta!...

N'estes dias, a imprensa tem fallado largamente da condessa Maria Tarnowska e do seu favorito o joven advogado Naumoff accusado do assassinato do conde Komorowski. A condessa, alta, bella, com largos olhos azues e abundantes cabellos louros, exercia sobre Naumoff uma fascinação omnipotente e cruel; nas suas horas tenebrosas de paixão, a condessa martyrisava-o cravando-lhe alfinetes nos braços e espaduas; ella mesmo o confessou sorrindo, com um sorriso sanguinario e cortante de vampira... O caso, pelo vulgar, não nos deve surprehender: a historia das crueldades do amor é velha como o mundo.

A amargura, conhece certamente, as abominaveis ferocidades d'aquellie terrivel libertino émulo do legendario Barba-Azul, que se chamou Affonso de Sade; e tambem devia ter lido as extravagancias peregrinas, um tanto ridiculas do novelista austriaco Sacker Masock Ambos elles serviram de manequins, para fixar os caracteres d'essas interessantes nevroses que a medicina moderna designa com os nomes de *sadismo* e *masoquismo*. Os devotos do marquez de Sade acham um prazer exquisito em torturar o ser amado; os masoquistas, pelo contrario, comprazem-se em soffrer por elle... E não se ria querida amiga do que estou dizendo! Pois a marqueza... eu... e todos! — levamos na nossa carne peccadora chicotadas mais ou menos levianas d'esses dois grandes disequilibrios do sentimento erotico.

— Eu?!

— Sim, mesmo a marqueza...

A marqueza que ama o seu marido, não tem sentido já, algumas vezes, o desejo nobre de se expôr a receber uma contrariedade para lhe evitar um desgosto?

— Evidentemente.

— E ao proceder assim, não experimentou a satisfação de ter-se sacrificado por elle? Pois a voluptuosidade d'essa pequena dôr contem um germen de ma-

soquismo. Tambem, e a seu modo é a *marqueza sadica*...

— Advirto-o senhor, de que sou incapaz de matar uma mosca!

— Não importa.

— É menos em divertir-me a picar-lhe as suas espaduas com alfinetes!

— Acredito. Mas a marqueza tem um filho que adora apaixonadamente e muitas vezes o terá apertado tanto contra o seu coração que elle fica a chorar; e a marqueza então, excitada por aquelle mesmo pranto, e não sabendo já que dizer-lhe nem como expressar-lhe o seu immenso carinho maternal exclama: «Ah! meu Deus! por ventura, matallo-hia? ... Ah! que se assim fosse, come-lo-hia com beijos!...»

Negar á agora marqueza que n'estas phrases ha a mais pequena sombra de amor cruel? ... O qual provem de que no fundo de todo o amor, quer seja filial ou sensual, palpita uma ideia de morte.

Porque amar, é dar a vida pela especie, e o instincto de conservação impelle-nos a odiar a quem nos tira a vida, ainda que no-la tire aos beijos.

— De modo que o senhor comprehende e até desculpa a essa terrivel Maria Tarnowska?...

— Eu, marqueza, tratando-se d'um sentimento tão proceloso como este de que fallamos, comprehendo-o todo, porque elle todo é logico; até o crime!

Então quer dizer...

— Que Deus a livre, marqueza, do perigo de amar!...

S.



A primavera

(A' Ex.^{ma} Sra.^a D. Anna Duarte da Silva.)

Já fogem pelo ar espavoridas,
As nuvens que encobriam o ceu d'anil;
Enverga as suas vestes mais garridas
O sol, já mais garboso e gentil.

Os ventos furiosos já calaram,
Os silvos, que o furor lhes fez saltar;
As chuvas, as geadas, já cessaram
Das terras encobrir e alagar.

Já soltam alegres seus trinados
As aves, bemdizendo o Creador,
Os campos já ostentam embriagados,
As gallas do seu manto encantador.

Das trevas o reinado já findou...
Agora tudo é luz, calor e vida,
As furias do inverno que acabou,
Já vae muito a longe de fugida.

Que bella é a Primavera! Que prazer!
Nos causa a sua graça seductora!
Que encantos que ostenta o teu parecer
Oh! quadra tão linda e seductora.

Eu venho aqui saudar-te, jubilosa
De todo o coração que sinto ufano!
Tu és a mais perfeita a mais formosa
Das quatro estações que tem o anno.

Se o teu irmão mais velho, o Verão ardente
Te excede em ostentação e em riqueza,
E' certo que em ti só vê toda a gente,
A graça, a distincção e a belleza.

Porto, 8-4-910

ORCHIDEA.

SEMPER

Nunca te passe pela ideia, filha
Que eu te possa esquecer!
Não pergunto se és lyrio ou mancenilha...
—Se és luz, refulgente, brilha,
Se acaso és treva, eu quero-me esconder.

Prometeu manietado á luz que expande
O teu olhar, creança,
Esse luzir fatal que a ti me prende —
Minh'alma, crê, te rende
Um culto fervoroso, ébrio d'esperança.

Não sei se hão-de passar trinta annos inda
P'ra minha liberdade...
Não a desejo, não; eu quero, infinda
Ver essa luz tão linda
Do teu amor, fulgir na immensidade.

Soffra eu embora a desventura intensa,
E desventuras sem par.
Esta paixão abrazadora, immensa,
Não ha, não ha quem vença
Porque eu não posso, estrella, te olvidar.

Oh! nunca penses, nunca sonhes, filha,
Que eu te possa esquecer!
P'ra mim és lyrio e nunca mancenilha,
E's luz que fulge e brilha.
Que ha-de guiar-me sempre até morrer.

Augusto Correia Freitas.

SUPPLICANDO...

Voa qual pomba pela immensidade,
Meu pensamento desorientado;
Triste presagio que é o fim sagrado
Da minha dor e eterna saudade.

Mãe! Se lá na feliz eternidade
Inda te lembras de teu filho amado,
Pede a Deus que a teu lado está sentado,
Por mim, e que me dê felicidade.

Mas se tu vires, ó Mãe, que o pedido
Que fazes ao Deus que com tanto brilho
Te olha, já não pôde ser deferido...

Peço-te para que esqueças teu filho,
Porque infeliz sem ti eu tenho sido,
N'este mundo que com os meus pés trilho.

Augusto Belchior.

UM BOCADINHO DO DRAMA

CAMÕES

(Manuscripto propriedade da Perola)

(Dialogo entre Camões
que está doente e sua mãe)

Perdoae minha boa mãe!...
sou um egoista!... Não tendes
d'isto a culpa... e eu... que
nem em vós penso!...

—Não penses filho!... Cui-
da antes de ti, que não rompas
em excessos... bem sabes... que
sem socego...

—Sim... sim... minha mãe!
Mister hei agora do socego...
emquanto não chega o outro...
o ultimo... o que não tem fim...
(a mãe chora) Pobre mãe!... lá
vos magoei outra vez!... Sou,
em verdade um triste doente!...
Olhae... Chegae-vos aqui...
chegae... vá! nada de lastimas!
Ora dizei-me; veio alguém com
a resposta da tença?...

—Ninguem!... ninguem veio...

—Ninguem!... É nada ha-
vemos recebido... ha mais de
um anno! E, ha mais d'um anno
que vivemos... do pouco que
podem mandar-nos as pobres
freiras... nossas vizinhas... e
das esmolas de Manoel de Por-
tugal!...

Nem tão mesquinha quantia

querem pagar, os fieis empregados... do thezouro... Quinze mil reis de tença por trez annos sómente... ao auctor dos Luziadas, pelo engenho e habilitade que mostrou no livro que fez das coizas da India..

—E por tanto que batalhou... e soffreu... nada!

—Nem eu o accitava, minha mãe!... Não!... Para mim só batalhei e soffri! Para a patria... escrevi este livro!... os Luziadas! De nada valeria á nossa terra um desconhecido soldado a pelejar na Africa, ou na India... mas tudo poderá valer um livro que conte ao mundo a historia dos nossos grandes capitães... e das nossas grandes victorias!... Oh! minha mãe!... Se soubesseis!... se soubesseis dos sonhos... phantazias, que ás vezes!... A's vezes... quando eu fico... alli... ao pé d'aquellas janellas... horas e horas... a olhar para a rua... oh! minha mãe!... Eu vejo... vejo-o bem d'alli... que Portugal está perdido!... que morreu com D. Sebastião... na jornada d'Affrica, e que o estrangeiro vem ahi... e que seremos escravos!... Bem o vejo!... Mas, ás vezes, minha mãe!... ás vezes, quanto mais desalentado me acho, quanto mais enterrado me sinto n'estas tristezas... mais me assaltam umas ideias... tão doidas... e tão grandes... que a mim mesmo hei medo de as contar! Porque então mãe!... então eu penso que o meu livro virá a ser... talvez... a liberdade da nossa terra! Sim! porque d'aqui a cincoenta, a sessenta annos... haverá aqui uma geração d'homens... nascidos na dominação castelhana!... e então... os paes contarão aos filhos como isto se fez... como nós fomos fracos... como os jesuitas perderam o Reino... e a India!... e então os filhos quererão saber o que era a India... e hão de ler... aprender... decorar os Luziadas!... E então minha mãe!... então, esses filhos, esses homens novos e fortes, ao vêr como nós fomos grandes, e como se perdeu, pelos nossos erros e vicios, o maior imperio do mundo... esses homens hão de erguer-se como um só... e sacudirão o jugo estrangeiro, formando outra vez um reino... um reino novo, com a restauração da sua patria!

—E tu filho!... então serás lembrado, como sendo o author dos Luziadas... que morreu pobre e abandonado!... e quando elles forem á procura do teu tumulo escondido... nem os teus restos encontrarão talvez!...

—Sim, minha mãe!... Tarde se lembrarão que viveu Camões!... Mas isso virá... depois!... Agora não!... Mais tarde... Deixae que bem lhes rasgue as carnes, a garra do

leão de Castella, que então... a dôr os fará lembrar!... Hoje não!... que tão perdidos andam de brios, e sentimentos d'honra... que muitos haverá ahi... a de-sejarem o jugo... na esperança do proveito... os vilões Então, vou eu morrendo... e a minha só consolação... é ter advinhado tudo isto... quando escrevia, já desalentado das coizas... e desenganado dos homeus:

Vão os annos descendo, e já do estio Ha pouco que passar até ao outomno: A fortuna me faz o engenho frio Do qual já me não jacto, nem me abono... Os desgostos me vão levando ao rio Do negro esquecimento, e eterno somno...

Não mais, musa, não mais, que a lyra tenho Destemperada, e a voz enrouquecida; E não do canto, mas de ver que venho Cantar a gente surda e endurecida.

O favor com que mais se acende o engenho, Não m'o dá a patria, não que está mettida No gosto da cubica e na rudeza D'uma austera, apagada, e vil tristeza!

(Continúa).

SECÇÃO ESPECIAL

Antiguidades

«Epistola consolatoria que D. João Soares bispo de Coimbra mandou a El-rei D. João 3.º sobre a morte do Principe seu filho»:

Bem sey q̄ V. A. he tam christianissimo q̄ seraa conforme co' a vol'ade de O nofso Snór e lhe daraa graças por tudo o q̄ elle faz, porq̄ justus d'nus noster et non est iniquitas in eo. O q̄ V. A. ha de sentir, seraa hum natural sentimento o qual não se escusa em semelha'tes casos e'tre tanto q̄ estamos cercados da immortalidade de nofsoz corpos miseraveis. Afsi dis S. Agustinho q̄ pasmo padece o me'bro q̄ dandolhe com hu' punhal não sente pois este se'time'to he natural parece q̄ co' naturaes me-sinhas pode sanar qua'to mais co' os sobrenaturaes. Pelo q̄ eu aquem V. A. tem para cousas espirituaes deter'miney brevemente escreverlhe algu'as rasões muito necefsarias e semelha'tes casos A primeira he q̄ V. A. deve muito co'siderar como até agora tem hu' filho prí'cipe jurado na terra, e agora té' hu' filho Rey coroado nos Ceos porq̄ ajsi o dix o apostolo Sam paulo q̄ so'os herdeiros de Ds e j'utame'te herdeiros de Christo hoedes autem Dei cohoredes Chrysti. E istohé verdadeirissimo fee q'elle está no ceo reinando co' Chrysto por ser inocente se' pecado, que a culpa original lhe foi perdoada no baptismo e peccado mortal nem venial não no cometeo, não have' do anos de d'sericam. He certo q' V. A. se consfolara e

fizera mui grandes feestas se na terra vira hu' filho seu Rey de hu' reino mui rico e fertil e de mui boa gente, mas muito mais se deve consolar sabendo q̄ o prí'cipe seu filho he Rey de maior estado que V. A. e q' nenhum Rey do mundo do qual se diz satiabor cu' apparverit gloria tua q' nan pode ser causa mais fertil q' a q' he de tudo abastardada e rica porq' he escrito et plateo et nuiry ejus ex auro purissimo, et porta nitent margarites. Por gente tem anjos por pasate'ro claridade imensa, por comer, beber, vestir e folgar tem Ds sumo bem infinito contetame'to alegria perpectua, musicas dulcissimas, que não sabia bem fallar e laa sabe mais q' nenhu' letrado pode saber. O bem ave'turada alma a'qual Ds tanto quis q' o q' todos os Reys q' sam tem tam duvidoso, ella o tem tam certo e Ds lhe deu asy mesmo pelo grande amor q' lhe tem. Elle estaa sem nenhuma dor nem tristeza, abastado de gloria, não sey porq' V. A. estaraa triste do que seu filho estaa co'tente, nan sey porq' teraa paixam do q' seu filho tem gloria, não foi esta morte duvidosa como a dos ja a de idade, mas vida muy certa e eterna vida descansada, e chea de todo o gozo e alegria, riqueza, prazer e gloria. Itaq. consolamini invicem in verbis istis. O segundo q' se deve V. A. consolar por ser isto tan particularmente feito pela mão de Ds porq' cousa tan incommendada a elle peadosamente se pode crer q' oumo a oraçan de ta'tos aquelle q' diee ubi fuerint duo nel tres in nomine meo co'gregoti ibi sum in medio errum. E pois o Snor não quis deixar neste mundo o prí'cipe sendo lhe por tantos pedido, saiba V. A. q' o quis mui particularme'te para sy e por muito melhor do q' nos outros cuidamos nem podemos imaginar porq' a fonte onde a suma bondade ha e donde o bem todo emana, não viera se isto não fora melhor e o q' mais cumpre. E ainda que o não vejamos com os olhos coporais sufficiente visto he saber q' nofso Snor o fez afsi y o quis.

(Continúa)

POSTAES MASCULINOS

AO MARIO C.

No teu olhar carinhoso e tristonho eu já descobri o segredo de tua alma.

Compadeço-me de ti e prometto-te compartilhar das amarguras que n'esta vida passares...

Clner G.

—Amor! Palavra doce e suave; flôr mimosa que cresce e s

avigora no vasto jardim do coração!

—Incerteza! Sentimento que define pouco a pouco um coração que ama.

—Saudade! Symbolo do profundo amor, flôr sinistra que se desenvolve com a ausencia de quem se ama.

J. Rosa.

POSTAES FEMININOS

Não ha nada que mais notavelmente fira o coração extremo do que a ingratição. E' mil vezes peor do que a lamina d'um punhal.

Loty d'Alcy.

A ALBERTO MARS

O amor é a flôr que desabrocha no jardim do coração, orvalhada pelo precioso rocio da lagrima.

Alice Vidigal.

SECÇÃO CHARADISTICA

Director, M. Duarte Silva

RUA DE SANTO ILDEFONSO, 260-2.

Correio sem sel'o

Tenho a prevenir mui premporiamente os candidatos ao nosso concurso de que as soluções devem estar em meu poder no praso de dez dias uma das condições essenciaes do concurso. E' pois conveniente que os da provincia as mande no correio de sabbado, de fôrma a serem aqui entregues n'esse dia á noite, ou o mais tardar no domingo pela manhã, porque não sendo assim só na 2.^a feira chegarão á minha mão, visto aos domingos não haver distribuição de tarde.

Os da cidade poderão lançar as na minha caixa do correio no domingo até ás dez horas da manhã. Não fazendo isto, não tem direito a reclamações e nem eu as attenderei. Na segunda feira já é tarde.

Mirone—Recebi e obrigado. Ellas cá vão.

Freidank — No n.º anterior foram as ultimas. Seja feliz.

A. Ramos e Costa Semog— Recebi e cá vão indo. Saude e felicidades.

DECIFRAÇÕES DO N.º 31

1, Galana; 2, Remedio; 3, Michaela; 4, Trochoela; 5, Rosalina; 6, Semigarlopa; 7, Vacação; 8, Feracidade; 9, Orobalão; 10, Ata'fera; 11, Palota; 12, Pinoteres; 13, Epitomador; 14, Dido, divedo; 15, Sara sabara; 16, Abba; 17, Açor-Roça; 18, Tate-teta; 19, Ai-Ai; 20, Arida Arida; 21, Navio-naviô; 22, Galharda-galhardo; 23, Cista-cisto; 24, Lucrecio-Lucio; 25, Cuco-fuco; 26, Entre ambos os Rios.

Quadro de honra

ARTHUYEDO

DECIFRADORES

Arthuyedo, os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 20, 21, 23, 25, 26 (total 20).

Becco & Viella, os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 15, 20, 21, 25 (total 13).

K. Lunga, os n.ºs 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 20, 21, 25 (total 12).

CHARADA EM VERSO

(A' gentil e talentosa Orchidea)

1 No jardim do meu coração Formosa planta, eu plantei; — 2 Quando os botões florescerem Um rebento vos darei.

A Deusa da formosura—2 Ao seu cortejo vos juntou; Por serdes um anjo de ternura O lindo sol vos conquistou.

Quizêra eu, que no altar Onde vós estaes collocada; Me fosse permittido beijar Essa flôr tão recatada.

Odeveza.

EM PHRASE

2 Comprei um cavallo, para offerecer a um meu parente, que é muito apologista de exercicios equestres—2-2

3 Uma estrella no firmamento, como pode ser medida? E' claro, que só com um instrumento apropriado—3-2.

Mirone.

4 Imagina que grande defeito é o jogo ser um adorno!—2-2.

5 Vês que racimo tão diffuso tem esta pedra precioza?—2 2.

Barbas de Bagaço.

(Ao meu amigo Mirone)

6 Quando estive n'esta cidade de Hespanha, tive de lavar as mãos n'uma vasilha, para apertar as d'esta gentil mulher—2-2.

Republica.

7 O patriarcha de Cartagena é filho d'um sacerdote—2-1.

José M. d'Almeida.

8 Homem, por minha vez digo que sympathiso com o pai de Plutão—1-2.

K. Lunga.

9 O Deus dos romanos pára sempre que vê um peralta—2-1.

10 A' roda d'este pião andou o filho de Jupiter—2-1.

M. Christophão.

BIFORMES

11 O rio passa por um desfileiro—2.

Joteba.

12 Este homem anda mal e não tem rumo—2.

K. Lunga.

13 Só n'uma cidade russa se encontra este genero de plantas—5

José M. d'Almeida.

DUPLAS

14 Esta comida é tributo—2.

15 E' pão da arvore—2.

A. Ramos.

16 D'um rio da Abyssinia extrahese a planta especie de calycantho—2

Raphael d'Altamira.

17 Este homem ridiculo, fuma de cachimbo—3.

18 Este quadrilheiro roubou umas chinellas—3.

Becco & Viella.

APRICO-NOVISSIMAS

19 O filho de Zeus commetteu um roubo em Italia—1-1.

Joteba.

INVERTIDAS POR LETRAS

20 O peixe come a planta?—3.

21 Este tecido é insigne—4.

Antonio da Costa Semog.

SYNCOPADA

22 A conta grande do roزاری causa grande reboliço—3 2.

Raphael d'Altamira

23 E' de família o bobão de má casta—3 2.

Pinheiro.

HOMOPHONICAS

24 Ha uma terra portugueza que tem um numero—2.

25 Ha um jogo que tambem é um succo vegetal secco semelhante á resina—2.

TYPOGRAPHICO

26 EE Homem—O O

Republica.

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação  Carimbos de borracha



A PEROLA

Jornal litterario—Quinzenal

Anno 2.º ◦ Quinta-feira, 14 de Abril de 1910 ◦ N.º (29)-32

Snr. _____